



Universidade de Brasília

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

JÉSSICA FLORINDA AMORIM

**"Qual o valor da consulta?": Crenças, Critérios e Estratégias de Precificação e
Cobrança de Psicoterapeutas**

**"What is the consultation fee?": Beliefs, Criteria and Strategies for Pricing and Billing
among Psychotherapists**

**BRASÍLIA
2024**

JÉSSICA FLORINDA AMORIM

**"Qual o valor da consulta?": Crenças, Critérios e Estratégias de Precificação e
Cobrança de Psicoterapeutas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof^o. Dr. Fabio Iglesias.

BRASÍLIA
2024

Agradecimentos

Aos meus pais, Eliene e Elizeu, que sempre me apoiaram e não mediram esforços para que fosse possível meu bate e volta Goiânia - Brasília. Ao meu irmão Jefferson, que por diversas vezes me ajudou a lidar com perrengues com o carro durante esse período. Obrigada família por sempre me apoiar, mesmo as vezes não entendendo bem o que eu tanto fiz em Brasília nesses últimos dois anos.

À minha querida amiga Camila, sem sua ajuda todo esse processo teria sido extremamente complicado. Obrigada por ser a melhor *roommate* que eu poderia ter.

À querida Ana Paula, amiga que o mestrado trouxe e que ajudou a lidar com todos os surtos que são inerentes ao processo.

Aos amigos que fiz e aos contatos que estreitei durante os dois anos. Muita gente bacana cruzou o meu caminho e contribuiu para que eu me tornasse uma pesquisadora muito melhor.

Agradeço ainda às pessoas que me incentivaram a ingressar na carreira acadêmica e que sempre acreditaram no meu potencial. Muita gente contribuiu ao longo dos meus 30 anos de vida, mas gostaria de agradecer aqui nominalmente a Sarah Cassimiro, mestre que me orientou durante a graduação em Psicologia e que plantou, regou e fez florescer em mim a sementinha da pesquisa e da docência. Muito obrigada por ter acreditado e investido em mim.

Ao senhor Doutor Murillo Rodrigues. Obrigada pela sua generosidade e suporte quando eu ainda era uma jovem recém formada, e não tinha muito o que oferecer. Você tem influência direta nesse processo de mestrado.

Ao professor Doutor Fabio Iglesias, que acreditou no meu projeto (que eu mudei no meio do caminho), na minha competência e aceitou me orientar. Obrigada pelas orientações e pela parceria na construção e execução dessa pesquisa e dissertação.

Aos meus clientes que foram compreensíveis comigo quando precisei me ausentar e reagendar sessões devido a agenda de atividades do mestrado.

Aos psicólogos, psicoterapeutas que aceitaram participar da pesquisa. Sem a contribuição de vocês esse trabalho não seria possível.

As professoras Amalia Raquel Pérez - Nebra e Carla Antloga que gentilmente aceitaram compor esta banca. Seus apontamentos e reflexões agregam muito valor a esta pesquisa.

A todos vocês, muito obrigada!

Sumário

Resumo.....	5
Abstract.....	6
Introdução.....	8
A Psicoterapia como Profissão.....	9
A (Ausência da) Temática do Dinheiro na Psicoterapia.....	11
Psicologia Social e a Figura do Psicoterapeuta.....	14
Mulheres, Psicoterapia e Dinheiro.....	15
Processo de Precificação.....	16
Método.....	17
Participantes.....	17
Instrumentos.....	20
Procedimentos.....	21
Análise de Dados.....	22
Resultados.....	23
Discussão.....	28
Considerações Finais.....	35
Referências.....	37
Apêndice.....	44
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	44
Survey.....	45

Resumo

Psicoterapia é a prática profissional mais comum entre os psicólogos, por razões que incluem o desejo de ajudar os outros (e de autoajuda), habilidades sociais e autoconhecimento. Por outro lado, dados censitários do Conselho Federal de Psicologia revelam insatisfação com a remuneração e a carga horária, mas os currículos raramente oferecem conhecimento de mercado aos estudantes e recém-formados. Esta pesquisa teve como objetivo identificar as variáveis que influenciam a definição do valor cobrado pelos psicoterapeutas no Brasil. Foi realizado um survey online com 572 psicoterapeutas (84,3% mulheres), com média de 38,98 anos de idade ($DP = 11,91$) e atuação média de 9,15 anos ($DP = 9,59$), que responderam a medidas de crenças, critérios e estratégias. Os resultados mostraram que o valor médio da sessão é de R\$174,00 ($DP = R\$94,8$), cerca de 13% do salário mínimo atual, com variação substancial em função da região e do tipo de emprego, mas não da abordagem ou técnica psicológica. A maioria dos profissionais estabelece acordos meramente verbais, sem regras claras. Homens cobram mais, enquanto as mulheres também relatam mais dificuldades em cobrar honorários atrasados. Contraditoriamente, a carga horária de quem trabalha exclusivamente com psicoterapia é menor do que a de quem exerce outras atividades. Análises fatoriais exploratórias e regressões múltiplas mostraram que a senioridade é a melhor preditora do valor cobrado, seguida do investimento em cursos e do perfil dos casos. Ainda, a culpa do psicoterapeuta, a insegurança em informar o valor pretendido e a flexibilidade com atrasos geram uma redução substancial do valor. Embora atendimentos pro bono e preços sociais para clientes de baixa renda sejam generalizados e devam ser incentivados sempre que possível, discutem-se estratégias para aumentar a assertividade dos profissionais (e dos clientes). Também se discute a implementação de mudanças para aumentar seu conhecimento jurídico, administrativo, financeiro e de marketing, com

benefícios estendidos para a eficácia das intervenções terapêuticas e para a sustentabilidade da prática clínica.

Palavras-chave: valor da psicoterapia; honorários; consulta psicológica; comportamento do consumidor.

Abstract

Psychotherapy is the most common professional practice among psychologists for reasons including the desire to help others (and self-help), social skills and self-knowledge. On the other hand, census data by the Federal Psychology Council have revealed dissatisfaction with remuneration and workload, but curriculums rarely offer market knowledge to students and recent graduates. This research aimed to identify the variables that influence the definition of the amount charged by psychotherapists in Brazil. An online survey was conducted with 572 psychotherapists (84.3% women), with an average age of 38.98 years ($SD = 11.91$) and working for an average of 9.15 years ($SD = 9.59$), who responded to measures of beliefs, criteria and strategies. Results showed that the average value of the session is R\$174.00 ($SD = R\94.8), circa 13% of the current minimum wage, with substantial variation due to region and type of employment, but not to psychological approach or technique. Most professionals establish merely verbal agreements without clear rules. Men charge more, while women also report more difficulty with late fees. Contradictorily, the workload of those who work exclusively with psychotherapy is lower than that of those who have other activities. Exploratory factor analyses and multiple regressions showed that seniority is the best predictor of the amount charged, followed by investment in courses and the profile of the cases. Furthermore, the psychotherapist's guilt, insecurity to inform the intended value and flexibility with delays generate a substantial reduction in value. While pro bono and affordable prices to low-income clients are widespread and should be encouraged whenever possible, we discuss strategies to increase the assertiveness of professionals (and clients).

Also, changes should be implemented to increase their legal, administrative, financial and marketing knowledge, with extended benefits to the effectiveness of therapeutic interventions and the sustainability of clinical practice.

Keywords: cost of psychotherapy; fees; psychological session; consumer behavior.

Introdução

A psicologia foi regulamentada como profissão no Brasil em 1962, comemorando 61 anos em agosto de 2023. Entre as diversas áreas de atuação, cada vez mais especializadas, a psicoterapia é a prática profissional mais comum entre os psicólogos. De acordo com os dados do Censo da Psicologia Brasileira (Censopsi), 73,1% dos psicólogos atuam como psicoterapeutas e 68,7% daqueles que aspiram atuar na psicologia o desejam fazer na clínica (Bastos et al., 2022). É destacadamente, portanto, um elemento identitário para psicólogos e também o estereótipo mais comum quando se considera o conhecimento que a sociedade tem sobre a psicologia como um todo.

A literatura aponta que cursar psicologia está diretamente atrelado a fatores internos como interesse pelos temas da área, admiração pela profissão, desejo de ajudar as pessoas, vocação pessoal, habilidades pessoais e autoconhecimento. Especificamente na prática da psicoterapia, os fatores internos de vocação pessoal, habilidades pessoais como empatia e escuta, assim como o desejo de ajudar as pessoas possuem influência ainda maior (Gondim et al., 2010; Gondim & Barros, 2022). No entanto, apesar de fatores externos como remuneração e mercado de trabalho influenciarem em menor grau a escolha pela profissão, parecem impactar significativamente a satisfação no exercício profissional. Dados do Censopsi apontam que psicólogos relatam frequentemente sentir-se insatisfeitos, avaliando sua renda e horas trabalhadas incompatíveis com os cinco anos de estudo minimamente necessários na graduação (Puente-Palacios & Bastos, 2022).

Embora existam indícios de que a remuneração na profissão seja vista como precária por muitos profissionais, questões relacionadas ao dinheiro na prática da psicologia ainda parecem ser um tabu no Brasil. Poucas pesquisas se dedicam a explorar as nuances envolvidas nos processos de precificação, cobrança e remuneração na clínica. Grande parte dos estudos relacionados a essa temática focam em investigar como o dinheiro pode impactar

o processo terapêutico, especificamente a relação terapêutica. Outros investigam como a formação em psicologia é deficiente em explorar aspectos mercadológicos da profissão e como isso impacta no desenvolvimento de habilidades sociais para lidar com questões financeiras na gestão clínica (Gross & Teodoro, 2009).

Conclui-se inexistir pesquisas suficientes que explorem como os profissionais da psicologia que atuam como psicoterapeutas conduzem o processo de precificação e quais são as variáveis relevantes. Assim, a presente dissertação de mestrado tem como objetivo geral identificar quais os fatores preditores contextuais e pessoais do preço da consulta em psicoterapia, assim como as práticas de cobrança. Para além disso, como objetivos específicos, identificar a influência de crenças, critérios e estratégias sobre ganhar dinheiro com a psicologia, diferenças de sexo, de abordagem e modalidade de atendimento. Ademais, pretendeu-se ainda construir e validar o instrumento para coleta de dados. Hipotetiza-se, portanto, que as diferenças de sexo influenciam no preço médio da sessão de psicoterapia, nas crenças sobre psicoterapia e dinheiro, bem como nas habilidades sociais relacionadas a cobrança de honorários.

A Psicoterapia como Profissão

Historicamente a figura do psicólogo sempre esteve associada ao cuidado, ao altruísmo e ao assistencialismo. Isso pode ser explicado pelo contexto em que a psicologia ganhou força e espaço para se estruturar enquanto profissão e saber científico. Sabe-se que todo avanço científico é influenciado por variáveis externas, especificamente pelo clima intelectual e cultural (*zeitgeist*) que pode favorecer ou não o seu crescimento. Assim, guerras mundiais e a revolução industrial abriram espaço para a criação da profissão do psicólogo principalmente nos países mais desenvolvidos. Envolveu de um lado a necessidade de compreensão do funcionamento humano e de outro a aplicação de conhecimentos específicos

para resolução de problemas cotidianos, contribuindo assim para que vários laboratórios de psicologia fossem criados (Malvezzi, 2010; Schultz & Schultz, 2023).

Influências também da filosofia, da biologia, da sociologia e da medicina, dentre outras áreas do conhecimento, aproximaram a psicologia de demandas individuais e coletivas que evidenciam o sofrimento, capacidades humanas, bem como questões relacionadas à temáticas de preconceito e discriminação (Schultz & Schultz, 2023). Hoje, com base no Código de Ética da Profissão (CFP, 2005), verifica-se que os princípios fundamentais apontam para as questões levantadas.

- I. O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.
- III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.

Esse cenário de construção da profissão certamente repercutiu nas áreas de atuação ocupadas pelos profissionais de psicologia. De maneira majoritária, psicólogos estão inseridos no mercado de trabalho como psicoterapeutas. Apesar de não ser restrita ao psicólogo (e frequentemente exercida de maneira ilegal por outros atores que sequer são da área da saúde), é uma prática socialmente atribuída aos profissionais dessa área (CFP, 2022). A prática da psicoterapia, seja ela clínica tradicional ou ampliada, parece fazer com que o cuidado valorizado nessa profissão seja colocado em prática.

Devido às várias vertentes teóricas existentes na psicoterapia e às diversas técnicas que permeiam sua prática, não existe um consenso sobre sua definição. Na tentativa de

abarcando todas as nuances, a Associação Brasileira de Psicoterapia (ABRAP) (2018-2019) definiu psicoterapia como um campo de conhecimentos teóricos e técnicos, uma prática de intervenção que é desenvolvida por meio de um relacionamento interpessoal, que leva em consideração perspectivas psicossociais para lidar com formas de sofrimento e insatisfação psicológicas dos seres humanos. Essa prática possui como objetivos: a promoção do autoconhecimento, a utilização de recursos pessoais, o desenvolvimento de recursos para lidar com as mais diversas situações da vida cotidiana, a melhora da qualidade de vida e o bem-estar, bem como o tratamento de psicopatologias.

A (Ausência da) Temática do Dinheiro na Psicoterapia

Sendo então a principal área de atuação profissional, assuntos correlatos à psicoterapia dominam a literatura produzida no campo da psicologia. As pesquisas desenvolvidas dentro desse contexto estão majoritariamente direcionadas a questões de abordagens psicológicas, nuances do *setting* terapêutico, processo terapêutico, relação terapêutica, diagnóstico, tratamento de transtornos mentais e demandas clínicas diversas. Porém, apesar de ser a prática majoritária, pouco se estuda sobre dinheiro e suas implicações na prática clínica. Especificamente sobre essa temática, quando se busca literatura específica, o que se encontra são produções sobre como o dinheiro e a cobrança podem impactar o processo terapêutico e a relação terapêutica, frequentemente datadas de mais de trinta anos atrás (Gross & Teodoro, 2009).

Mesmo nas produções do Sistema Conselhos de Psicologia, órgãos responsáveis por contribuir para o desenvolvimento da psicologia como ciência e profissão, o foco nas temáticas sobre dinheiro, precificação e remuneração é mínimo. Na Revista Psicologia: Ciência e Profissão, em 43 volumes publicados entre 1982 e 2023, nenhum dos artigos menciona esses temas. A Revista Diálogos em sua primeira edição teve como tema central a

psicoterapia (CFP, 2004), promovendo debates sobre o futuro desse campo de atuação, porém também não houve menção aos temas aqui discutidos.

Estabelecido pelo Sistema Conselhos de Psicologia, 2009 foi definido como o ano da psicoterapia. O objetivo era possibilitar produções e discussões a respeito desse campo de atuação, tendo como foco três eixos principais: a constituição das psicoterapias como campo interdisciplinar; parâmetros técnicos e éticos mínimos para a formação na graduação e na formação especializada para o exercício da psicoterapia pelos psicólogos; relações com os demais grupos profissionais (CRPRJ, 2009). Os movimentos ocorridos durante o ano de 2009 resultaram na publicação de textos que se preocuparam em apresentar debates e reflexões sobre o campo das psicoterapias, aperfeiçoamento da atuação profissional, bem como a melhora da formação dos profissionais (CFP, 2009). Esse material também não apresenta nenhuma menção sobre os temas que giram em torno do dinheiro, remuneração, precificação e a prática da psicoterapia.

Já em 2022, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), por meio do Grupo de Trabalho da Assembleia de Políticas, da Administração e das Finanças (APAF) sobre psicoterapia, publicou uma cartilha intitulada 'Reflexões e Orientações sobre a Prática da Psicoterapia'. Esse material aborda aspectos relacionados ao uso do contrato psicoterapêutico, divulgação de serviços e clínica social, porém tampouco avança em abordar aspectos práticos sobre a remuneração profissional (CFP, 2022). Chama a atenção que notas técnicas e resoluções específicas também não abrangem as temáticas aqui evidenciadas. Os materiais que mais se aproximam de abordar as problemáticas sobre remuneração, cobrança e precificação são a Tabela de Referência Nacional de Honorários dos Psicólogos (2023) e o Censopsi (2022). No entanto, são documentos que não discorrem sobre as questões envolvidas especificamente sobre psicoterapia, remuneração, precificação e os demais assuntos associados.

Esse cenário de produção evidencia que dinheiro e psicoterapia são temas que historicamente não conversam, apesar de diretamente complementares e importantes para o exercício da profissão. A pesquisa empírica sobre o tema aponta que as várias produções sobre a prática da psicoterapia têm como foco o processo psicoterápico, mas quando se estuda sobre dinheiro, honorários e cobrança, limita-se à perspectiva de como podem afetar o processo terapêutico do cliente, ou como as demandas sobre dinheiro impactam a vida do cliente. Menos ainda é investigado sob a perspectiva do próprio psicoterapeuta a respeito dessas temáticas e como elas são manejadas dentro e fora do *setting* terapêutico (Gross & Teodoro, 2009; Meirelles, 2012).

Toda essa constatação é incoerente com a percepção cotidiana, mas também documentada, de que profissionais que atuam com psicoterapia possuem de modo geral muitas dificuldades para lidar com as demandas relacionadas à precificação e cobrança de honorários, algo que se estende desde a graduação até os cursos de pós-graduação (Oliveira & Malgarim, 2013; Silva, 2020). Segundo Gross (2008), existe uma dificuldade em visualizar a oferta de ajuda psicológica vinculada à ideia de prestação de serviço e, conseqüentemente, de cobrança. Isso fica evidenciado na maneira como psicoterapeutas conduzem aspectos burocráticos de precificação e cobrança. De maneira majoritária, as necessidades financeiras e emocionais dos clientes são priorizadas em detrimento aos interesses dos profissionais. De acordo com a autora, ao definir o preço da sessão, os profissionais tendem a levar muito em consideração o quanto os clientes podem pagar. Estão sempre abertos a negociar formas de pagamento, flexibilizar questões contratuais como cobrança de faltas e reagendamento. Apesar de se guiarem por valores de atendimento mínimos e máximos, frequentemente seus valores estão abaixo da tabela de honorários do CFP.

Considerando que o assunto honorários reflete diretamente o significado que o dinheiro tem para as pessoas, esse tema precisa ser visto como parte importante do processo

terapêutico e não apenas do ponto de vista do cliente. Ainda segundo Gross (2008), a crença de que ajuda psicológica e dinheiro não compatíveis só vai sendo atenuada com vários anos de experiência. Embora isso seja positivo, ocorre quando já se acumulam também anos de remuneração inadequada, sobrecarga de trabalho ou mesmo desistência da profissão. De fato, outro relato comum é que psicoterapeutas precisam buscar fontes complementares de renda pelas dificuldades inerentes ao mercado consumidor, quando pode ser mais provável que o desafio esteja na própria conduta dos profissionais.

Psicologia Social e a Figura do Psicoterapeuta

A psicologia social aponta que a maneira com que lidamos com as demandas da vida está relacionado com como interpretamos o mundo e não necessariamente a realidade como ela é (Aronson et al., 2021). Estudos sobre cognição social têm como objetivo compreender como as pessoas percebem a si, os outros e o mundo, e como é que essas percepções impactam a maneira como nos comportamos (Myers, 2014). Somos diariamente bombardeados por informações e situações que requerem respostas quase que imediatas, e para lidar com essa demanda, criamos mecanismos para organizar e sistematizar o conhecimento disponível a fim de não precisarmos processar minuciosamente toda e qualquer informação recebida, e nesse contexto os esquemas são extremamente úteis (Garrido et al., 2011).

Esquemas são modelos mentais que orientam a maneira como percebemos, processamos e interpretamos o mundo (Myers, 2014). Eles contribuem para a construção de concepções de papéis sociais, que dizem respeito às expectativas envolvidas em como as pessoas devem se comportar quando estão ocupando alguma função, por exemplo como psicoterapeutas, e mesmo que estes permitam certa liberdade, alguns aspectos devem ser desempenhados (Garrido et al., 2011). Papéis sociais estão sujeitos a influências de conceitos e explicações oriundas da vida cotidiana, e esse fenômeno foi nomeado por Moscovici (1981)

de representação social. As representações sociais se estabelecem a partir desse movimento de categorização de características e atributos, na tentativa de tornar concreto aquilo que se espera de determinada pessoa ou função desempenhada (Jodelet, 1989).

Estudos apontam que a representação social do psicólogo está relacionada ao cuidado, ajuda para lidar com problemas emocionais, orientação e escuta sem julgamento, não estando claramente associado a um serviço prestado que envolve relação de cobrança e pagamento (Leme et al., 1989; More et al., 2021; Mendonça, 2021). E essa percepção também pode ser encontrada entre os profissionais de psicologia que se movem a escolha do curso e da sua área de atuação a partir de motivações de ajuda e autoajuda, não considerando aspectos relacionados à remuneração.

Mulheres, Psicoterapia e Dinheiro

Cerca de 85% da psicologia é composta por mulheres (CFP, 2022). Historicamente habilidades e profissões que possuem características voltadas ao cuidado são socialmente atribuídas ao feminino. Rosemberg (1983) compreende que uma possível explicação para esse cenário é o reforçamento de representações sociais sobre mulheres e profissionais da psicologia, no qual é esperado que se exerça as funções de cuidado. Sendo assim, as características da clínica psicológica, como a flexibilidade de horário, permitem o exercício da dupla jornada de trabalho, conciliando o cuidado dos filhos e dos clientes/pacientes (Meirelles, 2017).

Castro e Yamamoto (1998) apresentam dados que sugerem existir uma categorização de profissões consideradas femininas e masculinas, na qual carreiras masculinas são as de maior remuneração e prestígio. Lasky (2000) aponta que estudos relacionados à inteligência emocional demonstram que as mulheres possuem pontuações maiores em medidas de empatia e responsabilidade social, e os homens demonstram maior capacidade de tolerar

estresse e possuem maior autoconfiança. Essa diferença pode influenciar no comportamento de escolha das profissões, bem como na maneira que homens e mulheres lidam com dinheiro.

A maneira como lidamos com o dinheiro está intimamente relacionada ao contexto e cultura na qual nos desenvolvemos (Housel, 2023) e essa discussão inevitavelmente abrange aspectos relacionados a sexo e a gênero. Meirelles (2012) aponta que homens tendem a ter comportamentos voltados à aquisição e construção de patrimônio, encarando o dinheiro como o objetivo. Já as mulheres tendem a valorizar mais o bem estar e a qualidade das relações, tendo o dinheiro como uma ferramenta para atingi-los, o que pode justificar uma insegurança maior em relação a aspectos financeiros. Assim, esta pesquisa foi estruturada na forma de um survey com natureza mais quantitativa, para investigar de maneira padronizada as crenças, critérios e características individuais, com foco nos próprios psicoterapeutas brasileiros.

Método

Participantes

Contou-se com a participação inicial de 611 respondentes, mas após aplicados os critérios de inclusão e exclusão, 39 foram descartados do banco de dados, resultando em uma amostra final de 572 psicólogos que atuam como psicoterapeutas no Brasil (84,27% mulheres). Foram adotados como critérios de exclusão: profissionais que praticam psicoterapia e não possuem graduação em psicologia; recém formados que ainda estão em processo para obtenção do CRP e por isso ainda não atuam regularmente; e profissionais que responderam atuar com EMDR. Eles tinham idades variando entre 23 e 78 anos ($M = 38,98$, $DP = 11,91$). Além disso, os anos de formação variaram entre 0 e 48 anos ($M = 11,49$, $DP = 10,45$), os anos de atuação entre 0 e 46 anos ($M = 9,15$, $DP = 9,59$), a carga horária semanal entre 1 e 70 horas ($M = 21,09$, $DP = 12,43$), com valor médio da sessão entre R\$40 e R\$800

reais ($M = 174,15$, $DP = 94,78$) e valor médio recebido por plano de saúde entre R\$0 e R\$300 reais ($M = 52,00$, $DP = 39,17$). A Tabela 1 detalha essas informações descritivas.

Tabela 1

Estatísticas Descritivas do Perfil dos Respondentes, Valores Cobrados e Carga Horária em Reais

	Média	DP	Mediana	IQR	Mín.	Máx.
Anos de formação	11,50	10,46	8,00	13,00	0	48
Anos de atuação	9,15	9,59	6,00	11,00	0	46
Carga horária semanal	21,09	12,44	20,00	20,00	1	70
Valor médio da consulta	174,15	94,79	150,00	80,00	40	800
Valor médio no plano	52,00	39,18	44,50	35,75	0	300
Idade	38,98	11,91	36,00	16,00	23	78

Mais frequentemente os respondentes relataram desenvolver atividades profissionais apenas na psicologia (44,75%), com tipo de atendimento apenas presencial (70,98%), tipo de consultório apenas por sublocação (27,45%), regras do processo comunicadas apenas verbalmente (55,24%), admitindo atendimentos por preços sociais (84,79%) e que não atendem por planos de saúde (82,34%). A Tabela 2 detalha essas informações.

Tabela 2

Estatísticas Descritivas das Características Profissionais e de Atendimento

Atuação profissional		N	%
	Psicoterapia + outro campo	89	15,56
	Atividades profissionais na psicologia	256	44,75
	Atividades profissionais fora da psicologia	5	0,87
	Psicoterapeuta exclusivamente	222	38,81
Tipo de atendimento			

	Online	119	20,80
	Online e Presencial	47	8,22
	Presencial	406	70,98
Tipo de consultório			
	Apenas online (em casa)	127	22,20
	Sublocação	157	27,45
	Prestação de serviço em clínicas (%)	53	9,27
	Prestação de serviço em clínicas (salário)	10	1,75
	Consultório próprio e individual	127	22,20
	Consultório próprio sublocado para colegas	98	17,13
Regras do processo			
	Comunicação verbal	316	55,24
	Sem regras claras	25	4,37
	Contrato	231	40,38
Preços sociais			
	Não	87	15,21
	Sim	485	84,79
Atendimento por plano			
	Sim	101	17,66
	Não	471	82,34

A escolha por não utilizar as respostas dos profissionais que utilizam o EMDR se deu somente devido às controvérsias legais sobre sua utilização, mecanismos de ação e reconhecimento como prática profissional na psicologia (Brunnet et al., 2014). Destaca-se ainda que a posição do Sistema Conselhos de Psicologia, mediante ofício (nº152/2019) direcionado à presidente da Associação Brasileira de EMDR não é clara quanto ao uso da técnica e sugere estudos aprofundados para sua utilização. Não foi objetivo do presente trabalho propor qualquer posicionamento sobre o tema e a decisão foi estritamente amostral.

Classificar escolas de pensamento na psicologia com base em suas epistemologias é uma tarefa árdua, pois além de existirem centenas de abordagens (Prochaska & Norcross,

2018), elas se encontram em um profundo estado de dispersão teórica (Santos, 2016). Ainda, muitas se caracterizam por serem saberes híbridos e mestiços (Ferreira, 2006), que emergiram em diferentes momentos da história (Ferreira, 2005). Mas, apesar de existirem poucas tentativas de classificar sistematicamente estas escolas de pensamento (Figueiredo, 2014; González-Rey, 1997; Prochaska & Norcross, 2018), optou-se pelo agrupamento segundo alguma proximidade epistemológica e histórica. Tampouco está isento de críticas, porque esse campo de discussões é demasiadamente amplo e demanda profundidade que também não foi objeto desta pesquisa. Assim, a classificação proposta, não exaustiva, serve apenas para agrupar dados em categorias de análise mais coesas, para facilitar a leitura e a compreensão do trabalho. Sendo assim, a amostra foi composta por uma maioria de profissionais de abordagens pragmáticas e funcionalistas (53,50%). As respostas sobre abordagens foram classificadas na maneira descrita pela Tabela 3.

Tabela 3

Classificação das Abordagens Psicoterapêuticas

Abordagens de Psicoterapia	N	%
Corporais	2	0,35
Humanistas/Fenomenológicas/Holistas	92	16,08
Marxistas	6	1,05
Pragmáticas/Funcionalistas	306	53,50
Psicanálises	122	21,33
Pós-modernas/Sistêmicas /Pós-positivistas	43	7,52

Instrumentos

O *survey online* foi formatado na plataforma *Microsoft Forms* e teve em sua composição 38 itens, divididos entre perguntas de múltipla escolha e escalas *likert* que incluíram medidas de caracterização da amostra, critérios de precificação, estratégias de cobrança e crenças relacionadas à psicologia como profissão, dinheiro e habilidades de

cobrança. Foi dividido em seis seções, sendo elas: termo de consentimento livre e esclarecido; formação profissional; atuação profissional; atuação como psicoterapeuta; crenças em relação à prática clínica; e dados sociodemográficos.

Os itens sobre formação profissional, atuação profissional e atuação como psicoterapeuta foram adaptados do instrumento do Censo da Psicologia Brasileira (2022). O item sobre curso de graduação foi inserido como medida de item de exclusão, sabendo que outros profissionais que não são da psicologia, porém exercem a psicoterapia, poderiam responder à pesquisa. Ainda como medidas de mensuração sobre a atuação como psicoterapeuta, foram inseridos itens com a finalidade de mapear como o psicoterapeuta lida com precificação e cobrança nas modalidades presencial e online. Perguntou-se também sobre a configuração do consultório que utiliza, se atende por plano de saúde, como recebe os valores do plano e qual a média de valores recebidos. Foram mapeadas ainda quais formas de recebimento são utilizadas, como são geridas as questões burocráticas da clínica e se são oferecidos atendimentos por valores abaixo do valor médio (preço social), com quais critérios.

As medidas de regras na precificação, cobrança e gerenciamento de faltas foram criadas para verificar quais critérios são utilizados para determinar o valor médio da sessão de psicoterapia, bem como se aplica na clínica o gerenciamento de pagamentos, cobranças e inadimplência. Os itens foram desenvolvidos com base no apontado pela literatura, que evidencia a falta de formação específica para questões burocráticas da gestão clínica. Considerou-se ainda a literatura específica de precificação que valida a necessidade de se precificar levando em consideração custos, preços dos concorrentes, características do serviço e da demanda (Beulke, 2012).

O Questionário de Esquema do Terapeuta (Leahy, 2008) foi utilizado como inspiração para construção e adaptação das medidas de crenças sobre psicoterapia. As medidas de

habilidades sociais necessárias para realizar cobranças foram inspiradas em Caballo (2003). O enunciado utilizado para os itens de crenças e habilidades sociais foi adaptado da Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes et al., 2010), com a finalidade de utilizar instruções padronizadas e validadas que contribuíssem para que o instrumento fosse aplicado e respondido de maneira adequada. Após a formatação do instrumento, foi conduzido um estudo piloto com 15 psicoterapeutas e 5 estudantes de psicologia em fase de conclusão de curso, com a finalidade de verificar evidências de validade. As contribuições nortearam as formatações finais e o conteúdo foi adequado para a versão final.

Procedimentos

Os participantes foram recrutados de forma não probabilística, por conveniência, utilizando a técnica da bola de neve. Ela foi iniciada por meio de publicações em redes sociais, convites individuais e por indicação de colegas. Os psicoterapeutas que aceitaram participar foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, receberam o link para leitura e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguido dos instrumentos. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília e aprovado com o protocolo n. 75333123.2.0000.5540.

Análise de Dados

Os dados foram tabulados e analisados no software *R 4.2.1* (R Core Team, 2022) e no *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS 29.0). Inicialmente desenvolveu-se uma análise exploratória de dados, para identificar casos extremos, erros e pressupostos. A normalidade das variáveis foi testada por meio do teste de Shapiro-Wilk (Field et al., 2012). Posteriormente, realizaram-se modelos de regressão linear múltipla, considerando, no primeiro modelo como variável critério o valor médio da consulta e as variáveis

antecedentes: anos de atuação, anos de formação, carga horária semanal, valor médio recebido por plano de saúde e idade. Já o segundo modelo de regressão linear múltipla teve como variável critério o valor médio da consulta, mas as variáveis antecedentes foram: Crenças da Psicologia e Habilidades Sociais. Foram verificados pressupostos de multicolinearidade com base no fator de inflação de variância (VIF). Além disso, analisou-se também o nível de tolerância (Bido et al., 2010), com base em valores acima de 0,10 (Hair et al., 2009).

Posteriormente os modelos foram comparados ao considerar o valor médio da consulta como variável critério e as variáveis antecessoras: sexo, atuação profissional, abordagens da psicologia, tipo de atendimento e tipo de consultório, atendimento por plano de saúde, regras do processo de psicoterapia e preços sociais. Foram consideradas ainda interações de anos de atuação e preços sociais. A partir disso, utilizou-se da análise de variância por permutações (PER-ANOVA), via pacote *vegan* (Oksanen et al., 2019) e *pairwiseAdonis* (Arbizu, 2020).

Resultados

As abordagens terapêuticas não revelaram diferenças sistemáticas nos valores, apesar das diferentes classificações sumárias. As diferenças foram pontuais e claramente decorrentes de outras variáveis. Notoriamente, o valor médio da sessão de quem trabalha exclusivamente como psicoterapeuta foi menor do que a de quem também desenvolve outras atividades na própria psicologia, embora maior do que a de quem desenvolve também outras atividades fora da psicologia, $F(2,548) = 7,01$, $p = 0,001$, $\eta^2_{\text{parcial}} = 0,02$. No caso da primeira comparação, os valores apresentaram diferenças médias de quase R\$30,00. Quando considerados somente em testes univariados, não se verificou inicialmente diferenças no valor cobrado entre os homens e as mulheres no valor da sessão para atendimento

particular, tampouco para atendimento por plano de saúde. Da mesma forma, em testes univariados não se verificou diferenças de sexo para a carga horária dedicada à psicoterapia. Como mulheres e homens revelaram ter médias distintas de anos de experiência, testou-se uma ANCOVA controlando essa covariável. O teste revelou então maiores valores médios de sessão para homens, mas com tamanho de efeito inexpressivo, $F(1,549) = 5,85$, $p = 0,02$, $\eta^2_{\text{parcial}} = 0,01$.

Análises fatoriais exploratórias (AFE) foram conduzidas para identificar a estrutura fatorial dos instrumentos com itens escalares. Utilizaram-se o pacote EFA.MRFA (Navarro-Gonzalez et al., 2020) para a estimação do número de fatores e o pacote psych (Revelle & Revelle, 2015) para a realização da própria AFE. Foi utilizado o critério de Hull (Lorenzo-Seva & Timmerman, 2011) com base nos indicadores RMSEA e SRMR ($< 0,08$), com intervalo de confiança do RMSEA não ultrapassando 0,10 (Hair et al., 2009), além de critério de cargas fatoriais iguais ou superiores a 0,30 (Luo et al., 2019). Por fim, os critérios de interpretação da consistência interna da medida seguiram valores $\geq 0,70$ (Bland & Altman, 1997; Hayes & Coutts, 2020). A matriz de correlações para os critérios de precificação revelou fatorabilidade, $KMO = 0,708$, χ^2 de Bartlett(12) = 403,180, $p < 0,001$ e a análise sugeriu dois fatores.

O primeiro fator para o instrumento de critérios foi nomeado como Características da Demanda, composto por quatro itens: complexidade do caso; indicação de outros colegas; horário de preferência para o atendimento; negociação com o cliente sobre quanto podem pagar. O segundo fator foi nomeado como Custos/Investimento, composto por dois itens: meu tempo de formação; custos com aluguel. A solução fatorial apresentou indicadores de ajuste contrastantes, $\chi^2(53) = 1.853,93$, $p < 0,001$, SRMR = 0,08, RMSEA = 0,113, IC 90% = 0,104 – 0,123, devido aos itens que apresentaram cargas fatoriais insuficientes (Tabela 4). O item

"A média de valor que é cobrado pelos meus colegas de profissão" não apresentou carga suficiente em qualquer fator.

Tabela 4

AFE dos Itens de Critérios na Precificação

Item	Fator	
	Demanda	Custos / Investimento
Complexidade do caso	0,82	
Indicação de outros colegas	0,71	
Horário de preferência para o atendimento	0,69	
Negocio com os clientes/pacientes, levando em consideração quanto podem pagar	0,34	
A média de valor que é cobrado pelos meus colegas de profissão		
Meu tempo de formação, experiência e especializações realizadas		0,69
Custos com aluguel, manutenção, etc		0,68

Quando considerados os itens de crenças e estratégias de precificação e cobrança, os pressupostos de fatorabilidade da amostra apontaram $KMO = 0,82$, χ^2 de Bartlett(9) = 1.958,86, $p < 0,001$, sugerindo uma estrutura com duas dimensões (Tabela 5). O primeiro fator foi nomeado como Não Cobrança, com oito itens. Já o segundo fator foi nomeado como Psicoterapia Não é Negócio, com cinco itens, sendo um deles invertido. Os resultados dos indicadores de ajuste apontaram alto nível de resíduo, $\chi^2(44) = 1534,60$, $p < 0,001$, SRMR = 0,08, RMSEA = 0,102, IC90% = 0,091 – 0,113, que podem ser justificados pela quantidade de itens que não apresentaram cargas fatoriais significativas.

Tabela 5.*AFE dos Itens de Crenças e Estratégias de Precificação e Cobrança*

Item	Fator	
	<i>Não Cobrança</i>	<i>Não é Negócio</i>
Mesmo sabendo que é minha fonte de renda, me sinto culpada (o) em cobrar meu cliente/paciente	0,79	
Com frequência me sinto insegura (o) para informar o valor que cobro na sessão de psicoterapia.	0,74	
Me sinto impelida (o) a sempre negociar os valores da minha sessão com os clientes/pacientes.	0,67	
Não sei como abordar meu cliente para cobrar quando ele está devendo.	0,59	
Acredito que falar sobre honorários influencia negativamente no processo terapêutico.	0,55	
Sempre reduzo o valor quando o cliente/paciente solicita desconto.	0,54	
Eu acredito que é imoral cobrar para ajudar pessoas que estão em sofrimento.	0,53	
Tenho que atender o cliente/paciente mesmo que ele não possa pagar pelos meus honorários.	0,44	
Recebo de maneira antecipada		0,57
Interrompo os atendimentos até que o pagamento seja regularizado		0,49
Acredito que a Psicologia clínica deve ser encarada como um negócio, uma empresa.		0,46
Deixo o cliente/paciente a vontade para realizar o pagamento quando puder		-0,39
Em caso de atrasos, faço cobranças		0,32
Acredito que a prática clínica na psicologia deve ser bem remunerada.		
Para mim como psicoterapeuta é mais importante ajudar as pessoas do que ganhar dinheiro.		
Tenho alguém que realiza as cobranças (estagiário, secretária, etc)		

Sistema de cobrança automática		
--------------------------------	--	--

A variável sexo foi considerada ainda para comparar escores nas crenças sobre precificação. Verificou-se então que mulheres relataram maiores médias para o fator Psicoterapia Não é Negócio, $t(570) = 3,07, p = 0,002, d = 0,35$. Além da comparação dos fatores do instrumento, foram comparados itens específicos, centrais para o processo de precificação e de cobrança. Mulheres revelaram maiores escores para "Não sei como abordar meu cliente para cobrar quando ele está devendo", $F(1,570) = 4,91, p = 0,03, d = 0,25$ e para "Sempre reduzo o valor quando o cliente/paciente solicita desconto", $F(1,570) = 6,29, p < 0,01, d = 0,29$. Homens, por outro lado, revelaram maiores escores para "Deixo o cliente/paciente à vontade para realizar o pagamento quando puder", $F(1,570) = 11,13, p = 0,001, d = 0,38$.

Um modelo de regressão linear múltipla mostrou que cada ano de experiência aumenta em R\$4,15 o valor da sessão, $B = -4,15, 95\% \text{ IC} = -4,79 \text{ a } -3,50, t = 12,68, p < 0,001$. No entanto, cada aumento de escore no Fator Não-cobrança reduz em R\$10,20 o valor da consulta, mesmo depois de se controlar o efeito da experiência, $B = -10,20, 95\% \text{ IC} = -14,03 \text{ a } -6,37, t = 5,23, p < 0,001$. Mais ainda, após se controlar o efeito da senioridade e do Fator Crenças sobre Não-cobrança, manteve-se um efeito do sexo, $B = 19,19, 95\% \text{ IC} = 0,92 \text{ a } 37,46, t = 2,06, p = 0,04$, mostrando que ser homem aumenta em R\$19,19 o valor da consulta terapêutica nesse modelo. Num modelo à parte testou-se o valor preditivo dos critérios de cobrança sobre o valor da consulta. Verificou-se que o melhor preditor é o Fator Custos/Investimento, $B = 22,78, 95\% \text{ IC} = 15,47 \text{ a } 30,08, t = 6,12, p < 0,001$, mas o Fator Características da Demanda mostrou efeito de reduzir o valor da sessão mesmo após se controlar o efeito do Fator Custos/Investimento, $B = -10,06, 95\% \text{ IC} = -17,05 \text{ a } -3,07, t = 2,83, p = 0,005$.

Profissionais com consultório próprio e sem sublocação apresentaram valor médio de sessão superior aos que atendem online e que usam espaço em casa, $F(1) = 25,24$, $p = 0,015$, $R^2 = 0,091$, $I-J = 63,313$, além dos que prestam serviços e recebem porcentagem, $F(1) = 23,15$, $p = 0,015$, $R^2 = 0,116$, $I-J = 85,032$ e os que não têm consultório e sublocam salas de outros colegas, $F(1) = 32,37$, $p = 0,015$, $R^2 = 0,104$, $I-J = 66,61$. Já profissionais que sublocam seu próprio consultório para outros colegas em horários vagos apresentaram maiores médias quando comparados a profissionais que prestam serviços em clínicas e recebem por porcentagem, $F(1) = 11,400$, $p = 0,045$, $R^2 = 0,071$, $I-J = 52,91$ e pessoas que não tinham consultório próprio e sublocam de outros colegas, $F(1) = 9,627$, $p = 0,045$, $R^2 = 0,037$, $I-J = 34,49$. Já os que não atendem por plano de saúde apresentaram valor médio de sessão maior, $F(1) = 11,555$, $p = 0,001$, $R^2 = 0,020$, $I-J = 35,046$. Os que comunicam verbalmente as regras do processo psicoterapêutico apresentaram maiores médias de valor de consulta do que os que usam contratos formais, $F(1) = 6,307$, $p = 0,042$, $R^2 = 0,011$, $I-J = 20,045$. Ademais, os que não fazem consultas com preços sociais apresentaram maior média de valor da sessão, $F(1) = 17,097$, $p = 0,001$, $R^2 = 0,029$, $I-J = 45,259$.

Discussão

Esta pesquisa teve como objetivo geral identificar as variáveis que influenciam a definição do valor cobrado pelos psicoterapeutas no Brasil. Para além disso, como objetivos específicos, identificar a influência de crenças, critérios e estratégias sobre ganhar dinheiro com a psicologia, diferenças de sexo, de abordagem e modalidade de atendimento. É notória a lacuna existente na literatura sobre dinheiro, precificação, cobrança e honorários na prática da psicoterapia. Isso se reflete no campo profissional de maneira a contribuir para que a remuneração seja considerada baixa e insuficiente pelos profissionais (Puente-Palacios et al., 2022). Mais ainda, acaba perpetuando uma espécie de tabu na profissão e deixando que o mercado seja regulado por critérios pouco claros. Nota-se que dos 20 respondentes que

informaram motivos para não trabalhar ainda como psicoterapeutas, 13 mencionaram a desvalorização do trabalho, indicativo de que o cenário pode estar minando a atividade.

Os resultados encontrados apontaram que o valor médio da sessão de psicoterapia é de R\$174,00, cerca de 13% do salário mínimo atual. Esse valor condiz com os resultados apresentados por Gross (2008) de que os profissionais adotam em sua prática valores abaixo dos apresentados na Tabela de Referência Nacional de Honorários dos Psicólogos (CFP, 2023), que aponta R\$207,02 como limite inferior. Uma possível explicação para essa diferença é que os valores da tabela do CFP são atualizados anualmente, considerando a variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), não as condições reais de possibilidade de aplicação desses valores. Silva et al. (2021) apontaram que profissionais relatam dificuldades para colocar em prática os preços sugeridos pelo Conselho, justamente por não oferecer informações adicionais de quais critérios devem ser levados em consideração para se adotar os valores mínimos ou máximos. Os autores ressaltaram ainda o fato de que os valores sugeridos na Tabela desconsideram aspectos específicos de realidades locais e de senioridade. A subremuneração ficou ainda mais evidente pelos dados de atendimento por planos de saúde, cujo valor médio de sessão é de cerca de 30% do valor para pagamento particular.

Apesar do cenário de escassez de ensino sobre empreendedorismo nas instituições de ensino formal, verificou-se aqui que os psicoterapeutas incluem como critérios de precificação valores de aluguel, equipamentos e as características da demanda para formular seus preços de sessão. Nesse sentido, profissionais com consultório próprio e que não fazem sublocação cobram mais que aqueles que atendem online utilizando espaço em casa. Tais dados estão de acordo com a literatura que aponta ser essencial considerar os custos operacionais envolvidos (Beulke, 2012; Tudor, 1998), como medida mais tangível do valor do serviço. Eles incluem gastos com tempo de estudo, cursos, livros, anuidades, instrumentos,

especializações e supervisões, que devem ter impactos diretos na precificação. Em contrapartida, os profissionais que atuam em casa podem não considerar custos operacionais de maneira adequada, visto que esses podem se misturar com custos domésticos. Apesar dessa consideração, os dados da presente pesquisa apontam que os custos logísticos, de gestão e com investimentos não se sobrepõem às características da demanda na hora de precificar. Mesmo considerando os gastos envolvidos para se realizar atendimentos, os psicoterapeutas tendem a estar disponíveis para negociar valores, flexibilizar seus ganhos frente a realidade financeira do cliente e não às suas próprias necessidades (Gross, 2008; Parvin et al., 2000). Vale ressaltar que esse comportamento pode estar até em desacordo com o Código de Ética do Profissional, que orienta considerar não apenas as condições do cliente/paciente, mas também a justa retribuição ao serviço prestado (CFP, 2005).

Verificou-se ainda que profissionais que sublocam seu consultório para outros colegas nos horários vagos apresentam maiores médias de cobrança do que aqueles profissionais que prestam serviços em clínicas e recebem porcentagem. Isso pode estar relacionado ao fato de que o profissional que subloca tenha contato maior com gerenciamento de negócios e por isso precifique de maneira mais adequada, considerando então seus custos. É situação diferente daquele profissional que não tem contato com os processos de precificação e cobrança, e nesse cenário paga para que alguém o faça, terceirizando assim a cobrança. O movimento de prestar serviços para uma empresa, ao invés de trabalhar de maneira autônoma, pode ser explicado devido a esse contexto contribuir para que o profissional consiga se inserir de maneira mais rápida no mercado de trabalho. Dessa forma não precisa gerenciar questões burocráticas e consegue em pouco tempo um número maior de clientes, sanando assim as preocupações com instabilidade financeira (CFP, 2022). Nesse mesmo contexto, verificou-se que profissionais que não atendem por plano de saúde ganham mais. Isso é coerente com a

realidade de baixos pagamentos realizados a profissionais de saúde nessa modalidade (Silva, 2003).

A senioridade mostrou-se sendo um grande fator preditor do valor cobrado na sessão de psicoterapia, algo já identificado por Gross e Teodoro (2009). Embora não se possa encontrar uma teoria específica para os profissionais de psicologia, pode-se aplicar o conhecimento das áreas de psicologia organizacional e recursos humanos, especificamente de carreira e cargos e salários. Pesquisas sobre o tema evidenciam a correlação entre tempo de carreira e aumento do preço do serviço prestado (Fernandes et al., 2020; Gottschalk, 2006) e isso se dá devido à experiência e conhecimento adquirido ao longo dos anos de atuação. À medida que os profissionais vão para o mercado de trabalho, naturalmente são expostos a contextos que contribuem para que habilidades sejam desenvolvidas, bem como formações adicionais sejam realizadas, refletindo em sua remuneração (Chiavenato, 2009).

Os profissionais da psicologia parecem, ainda assim, tomar maior tempo para superar as crenças que relacionam cobrar pelos serviços de cuidado como algo ruim, assim como desenvolver habilidades sociais relacionadas à cobrança. Isso contribui para que o tempo de carreira possua um efeito menor no aumento da remuneração. Infere-se novamente que esse movimento de se sentir culpado por cobrar e de não saber como fazê-lo é consequência, pelo menos em parte, do baixo investimento das instituições de ensino nas áreas de marketing e formação mercadológica (Mantovani et al., 2018). Elas devem correr em paralelo com as motivações intrínsecas que levam à escolha da psicologia, que parecem ser fomentadas e mantidas pela grade curricular das instituições, pelos pares e pelo Sistema Conselhos.

No cenário de baixo investimento em ensino de empreendedorismo e de crenças sobre psicoterapia sem o foco em remuneração, pode-se especular ainda sobre o peso da psicologia ser majoritariamente feminina. Apesar da pesquisa medir sexo e não gênero, os dados apontaram diferenças importantes nessas variáveis. Ter verificado aqui que as mulheres

acreditam mais que a psicoterapia não é um negócio parece reforçar consideravelmente a subremuneração ou pelo menos a insatisfação com os processos que envolvem preço e cobrança. Especificamente, indicou que mulheres têm menos assertividade para fazer cobranças em atraso e para manter o valor ideal da sessão frente a pedidos para baixá-lo. Mas como uma profissão composta por muitas mulheres, reflete o cenário mercadológico geral no qual os homens ganham mais. A literatura sobre trabalho feminino tem sido tomada como insuficiente para lidar com essas nuances, mesmo em áreas como psicodinâmica do trabalho (Antloga et al., 2020). É ainda mais notória a necessidade de pesquisas na área quando se considera o empreendedorismo feminino (Santos & Antloga, 2022), situação que caracteriza boa parte do perfil de psicoterapeutas, sem vínculo empregatício.

Zanello (2018) enfatiza que a baixa remuneração na psicologia pode ser explicada pelo que ela nomeia de dispositivo materno, que naturaliza o cuidado e a disponibilidade das mulheres no exercício de diversas profissões. Segundo a autora, os homens dispõem do dispositivo da eficácia, construído socialmente, refletindo uma postura de confiança. Essas construções sociais influenciam na maneira como os indivíduos absorvem crenças a nível individual e também cultural. Hipotetiza-se que esses dispositivos contribuem para que homens, mesmo em uma profissão majoritariamente feminina, ganhem mais do que as mulheres, e mesmo que escassas, pesquisas corroboram os resultados encontrados aqui no exercício da psicoterapia (Burnside, 1986; Lasky, 2000; Parvin, 2000; CFP, 2022).

Em consonância com teorias de cognição social (Brando et al., 2021) e da terapia cognitiva (Beck, 2022), constatou-se que as crenças de psicoterapeutas relacionadas à não cobrança contribuem para que haja diminuição no preço médio da sessão. Elas também impactam no desenvolvimento de habilidades sociais necessárias para realizar cobranças. Se os profissionais nutrem pensamentos que devem sempre considerar o bem estar do cliente em detrimento do seu, cobrar gera constrangimentos e problemas relacionais e que é sempre

necessário negociar com o cliente, inevitavelmente terão sentimentos de insegurança, medo e frustração que contribuirão para que precificação e cobranças sejam realizadas de maneira adequada.

Magalhães et al. (2003) apontam que, apesar de necessário, o ensino de habilidades sociais é negligenciado na formação de psicólogos. Sabe-se que habilidade sociais podem ser desenvolvidas, sobretudo a partir de modelos e exposições que as pessoas são expostas ao longo da vida (Murta, 2002). Porém, considerando que a psicologia é praticada majoritariamente por mulheres, historicamente não incentivadas a lidar com aspectos relacionados ao dinheiro, é natural que haja dificuldades para gerenciar aspectos relacionados a negócios na área. Del Prette et al. (2004) em estudos relacionados a habilidades sociais e dinheiro, apontaram que estudantes homens de psicologia se mostraram mais assertivos do que estudantes mulheres nesse quesito.

De maneira inesperada, foi verificado que acreditar que precisa atender o cliente/paciente mesmo que ele não possa pagar pelos honorários impacta no aumento do valor médio da sessão. Infere-se que isso pode estar relacionado ao que Tudor (1998) sugeriu ser uma espécie de síndrome de Robin Hood, na qual se cobra mais de quem pode pagar, para poder oferecer sessões com valores mais baixos ou pro bono para aqueles que precisam. Porém, o autor salienta que esse movimento de maior cobrança, na grande maioria das vezes, não está alicerçado nos custos operacionais do serviço, apenas no que o profissional acredita que deve cobrar. Nesse mesmo contexto, verificou-se ainda que quem não oferece consultas com preços sociais tende a cobrar mais caro. Infere-se, portanto, que o profissional opte por ter menos horas de trabalho, sendo mais bem remunerado, do que realizar vários atendimentos a preços sociais (e por consequência trabalhar mais).

Também inesperado foi o resultado de que acreditar que a psicologia clínica deve ser encarada como um negócio influencia na diminuição do valor médio da sessão. Uma tentativa

de explicação para esse dado seria o fato consolidado de que psicólogos não possuem formação adequada nas áreas de contabilidade, administração e marketing. Isso pode originar uma má gestão e conseqüentemente má precificação. Na mesma direção, profissionais que comunicam verbalmente as regras do processo psicoterápico apresentam médias de valor maiores do que aqueles que usam contratos formais. Uma possibilidade de interpretação é a de que alguns profissionais possam prestar serviços de psicoterapia em clínicas como prestadores de serviço, onde contratos são a praxe. Outra possibilidade de interpretação é a de que a maioria dos profissionais atuam de maneira informal, não fazem emissão de documentos contábeis, não pagam taxas municipais e impostos, precificando sem critérios.

Os dados da pesquisa mostraram ainda que psicólogos que não trabalham exclusivamente como psicoterapeutas cobram mais. Talvez devido às múltiplas atividades profissionais, o atendimento clínico só seria vantajoso se bem remunerado, pela pouca disponibilidade de tempo para se dedicar à psicoterapia. Não é incomum ouvir entre psicólogos que se dedicam a atividades profissionais na docência, recursos humanos, saúde, jurídica, trânsito, dentre outros, que apesar da carga horária pesada, dedicam horas ao atendimento clínico, pois se sentem realizados nessa atividade (Gondim & Barros, 2022). Finalmente, verificou-se ainda que as diferenças de abordagens teóricas praticadas pelos psicoterapeutas não exercem influência sobre o preço da sessão. Isso evidencia a lacuna também existente nas formações *lato sensu*, que apesar de darem ao profissional a possibilidade do registro de especialista em psicologia clínica, não absorvem todas as nuances necessárias para tal prática.

Limitações do Estudo

Além das limitações mais evidentes de tamanho amostral e representatividade por Unidades da Federação, idade e outras variáveis sociodemográficas, é importante considerar que a temática do dinheiro é repleta de elementos influenciados por desejabilidade social.

Pesquisas sobre renda, salário, patrimônio e dívidas, por exemplo, frequentemente mostram que as pessoas superestimam ganhos e subestimam perdas, sobretudo quando as interações têm um caráter mais público ou pelo menos de interação com o pesquisador (Almiro, 2017). Como os honorários podem ser medida direta e indireta do sucesso, da qualificação e da reputação profissional, é possível também que os respondentes informem valores enviesados. Ainda, a considerável diversidade de valores, de casos, de tipos de serviço e de locais/ambientes em que são ofertados pode questionar até mesmo o parâmetro da média da consulta como o mais apropriado para o survey. Por outro lado, seria pouco operacional uma alternativa de medida em que se pudesse perguntar sobre valores, condições e critérios em cada uma das possíveis condições de psicoterapia.

Alguns itens do survey foram elaborados em formatos que se mostraram mais limitados para os construtos investigados, principalmente ao se considerar níveis de medida, número de categorias e ancoragem. Mas, uma vez mais, a diversidade de elementos medidos não permitiu formato com maiores garantias de validade e fidedignidade, assim como opções que pudessem cobrir as múltiplas possibilidades de resposta. De fato, apesar das vantagens do formato de survey online mais padronizado, sobretudo para temas sensíveis como dinheiro, o problema da pesquisa tem nuances qualitativas que escaparam ao alcance da pesquisa. Por exemplo, certamente os respondentes adotam práticas de cobrança para as quais têm motivos que não foram cobertos no survey. Elas podem não ser tão simplificadas, podem depender de muitos fatores e de respostas mais narrativas do que objetivas. O mesmo vale para construtos que não foram incluídos, em especial aqueles advindos de áreas como economia comportamental. Destaca-se ainda que o público atendido não foi mapeado nesta pesquisa, e as crenças sobre psicoterapia, bem como o sexo dos consulentes podem ser variáveis que impactam no preço médio cobrado. Pesquisas futuras devem buscar a compensação dessas limitações.

Considerações Finais

Este trabalho teve a característica diferenciada de mensurar de forma sistemática os fatores que definem a precificação de psicoterapeutas no Brasil. Em que pese o ineditismo do trabalho de Gross (2008) e seu papel fundamental para conhecer alguns dos fenômenos relevantes nessa dinâmica, foi baseado na análise de conteúdo de entrevistas com 12 psicólogas e 1 psicólogo. Sua pesquisa alcançou, portanto, muito menor representatividade e foi implementado num formato que não permitiu o repertório de análises descritivas e inferenciais aqui desenvolvido, apesar da riqueza no aprofundamento das análises mais qualitativas. A amostragem aqui obtida tampouco é representativa em um país tão grande e diverso quanto o Brasil, mas gerou algumas conclusões que podem ser bastante estratégicas para a área.

Com base nos achados da pesquisa realizada e na literatura consultada para construir essa dissertação, é evidente o fato de que psicólogos optam pelo exercício da psicoterapia motivados pela ajuda ao próximo. A “psicologia por amor” parece ser uma realidade mesmo entre aqueles que se movimentam a ter uma remuneração considerada adequada. Flexibilizar valores, estar sensível para carências específicas e ter uma orientação pró-social são atributos muito desejáveis, mas não devem minar a justa remuneração, nem fazer com que preços sociais, por exemplo, se tornem motivo de insatisfação (Lumertz & Castro, 2021). Parece adequado concluir que somente quando o assunto deixar de ser tabu e for objetivamente incluído nos esforços de formação do psicólogo clínico é que haverá melhor cenário de precificação.

Como argumentaram Peter et al. (2017), as características do próprio psicoterapeuta são geralmente negligenciadas em psicologia clínica. Além disso, é certamente uma tarefa fundamental para o Conselho Federal de Psicologia e sindicatos da categoria, assim como para o planejamento curricular nos cursos de graduação. Apesar de alguns esforços para fazer

com que a população valorize os serviços de psicologia, os dados apresentados aqui sugerem que talvez o foco deva estar em trabalhar para que crenças sejam mudadas e habilidades desenvolvidas. É fundamental investigar de maneira mais criteriosa quais impactos do grande número de mulheres na psicologia na remuneração dos profissionais da área. Seria a psicologia uma profissão sub remunerada por ser uma profissão socialmente reconhecida como feminina? Espera-se que esta pesquisa constitua passo significativo nessa direção, com efeitos benéficos a psicoterapeutas, clientes, empresas e demais organizações envolvidas.

Referências

- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Avaliação Psicológica*, 16(3) 253- 386. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.ed>
- Antloga, C. S., Monteiro, R., Maia, M., Porto, M., & Maciel, M. (2020). Trabalho feminino: Uma revisão sistemática da literatura em psicodinâmica do trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36, e36nspe2. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe2>
- Aronson, E., Wilson, T. D., & Akert, R. M (2021). *Psicologia social*. LTC.
- Bastos, A. V. B., Oliveira, I. F., & Soares, I. S. D (2022). O trabalho em psicologia: Em que áreas de atuação nos inserimos?. In Conselho Federal de Psicologia. Quem faz a psicologia brasileira?: um olhar sobre o presente para construir o futuro: Volume 2 (pp.13-31). CFP. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol2-1.pdf
- Bland, J. M., & Altman, D. G. (1997). Statistics notes: Cronbach's alpha. *Bmj*, 314(7080), 572. <https://doi.org/10.1136/bmj.314.7080.572>
- Beulke, R. (2012). *Precificação=sinergia do marketing + finanças*. Saraiva.
- Burnside, M. A (1986). Fee practices of male and female therapists. In Krueger, D. W (Ed.) *The last taboo*. (pp. 48-54). Whiteley publishing ltd.
- Brunnet, A. E., Silva, T. L., Soares, T., Guimarães, E. R., & Pizzinato, A (2014). Dessensibilização e reprocessamento por movimentos oculares (EMDR) para transtorno de estresse pós-traumático: uma revisão sistemática. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 7(1), 119-131. <https://hdl.handle.net/10923/8968>
- Caballo, V. E. (2009). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. Santos.

Castro, A. E. F., & Yamamoto, O. H. A psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. *Estudos de Psicologia*, 3(1), 147-158.

<https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100011>

Conselho Federal de Psicologia (2004). Psicoterapia: O futuro do campo em debate.

Psicologia: ciência e profissão. *Diálogos*, 1(1). CFP.

https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/11/5772__REVISTA_CIENCIA_E_PROFISAO_DIALOGOS_N_01_ABRIL_2004.pdf

Conselho Federal de Psicologia (2005). *Código de ética profissional do psicólogo*. CFP.

<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>

Conselho Federal de Psicologia (2009). *Ano da Psicoterapia: textos geradores*. CFP.

<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/05/Ano-da-Psicoterapia-Textos-geradores.pdf>

Conselho Federal de Psicologia (2012). *Uma profissão de muitas e diferentes mulheres: resultado preliminar da pesquisa 2012*. CFP.

<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/03/Uma-profissao-de-muitas-e-diferentes-mulheres-resultado-preliminar-da-pesquisa-2012.pdf>

Conselho Federal de Psicologia (2019). Ofício nº152/2019/SOE/Plenária-CFP.

https://www.emdr.org.br/_files/ugd/930423_848fa5689c0741bbb3b36d736172e7cc.pdf

Conselho Federal de Psicologia (2022). *Reflexões e orientações sobre a prática da psicoterapia*. CFP.

https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/caderno_reflexoes_e_orientacoes_sobre_a_pratica_de_psicoterapia.pdf

Conselho Federal de Psicologia (2023). *Tabela de Referência Nacional de Honorários dos Psicólogos em Reais*. CFP.

https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/09/tabela_dieese_fenapsi_cfp_honorarios_2023.pdf

Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (2009). Ano da psicoterapia:

contribuições para o debate. *Jornal do Conselho Regional de Psicologia*, 6(23).

CRPRJ. <https://www.crprj.org.br/site/wp-content/uploads/2017/06/jornal23-psicoterapia.pdf>

Chiavenato, I. (2009). *Remuneração, benefícios e relações de trabalho: como reter talentos na organização*. Manole.

Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., Barreto, M. C. M., Bandeira, M., Rios-Saldaña, M. R., Ulian, A. L. A., Gerk-Carneiro, E., Falcone, E. M., & Villa, M. B. (2004). Habilidades sociais de estudantes de psicologia: um estudo multicêntrico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(13), 341-350. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300007>

Ferreira, A. A. L. (2005). A múltipla irrupção da psicologia. *Mnemosine*, 1(1), 25-51.

Ferreira, A. A. L. (2006). A psicologia como saber mestiço: o cruzamento múltiplo entre práticas sociais e conceitos científicos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 13(2), 227–238. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702006000200002>

Figueiredo, L. C. (2014). *Matrizes do pensamento psicológico*. Vozes.

Fernandes, M. D. E., Fernandes, S. J., & Campo, V. G. (2020). Remuneração docente: efeitos do plano de cargos, carreira e remuneração em contexto municipal. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 28(106), 25-44. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002701970>

Garrido, M. V., Azevedo, C., & Palma, T. (2011) Cognição social: fundamentos, formulações actuais e perspectivas futuras. *Psicologia: Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 25(1), 113-15. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v25i1.282>

- Gottschalk, M. V., & Alves, P. (2006) Diferenciais de salários no setor de serviços. In Negri, J.A., & Coelho, D. (Eds.) *Tecnologia, exportação e emprego* (pp. 367-396). Ipea.
- Gross, C. M. (2008). *A percepção dos honorários na prática clínica por psicoterapeutas*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Gross, C. M., & Teodoro, M. L. (2009). A cobrança de honorários na prática clínica. *Psicologia Clínica*, 21(2), 315-328.
<https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000200005>
- Gondim, S. M. G., Magalhães, M. O., & Bastos, A. V. B. (2010). Escolha da profissão: As explicações construídas pelos psicólogos brasileiros. In A. V. B. Bastos & S. M. G. Gondim (Eds.), *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 66-84). Artmed.
- Gondim, S., Barros, L. O (2022). A escolha da profissão de psicóloga(o) e a carreira: O que mudou ao longo do tempo?. In Conselho Federal de Psicologia, *Quem faz a psicologia brasileira?: um olhar sobre o presente para construir o futuro* (Vol.1, pp.71-85). CFP.
https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol1-1.pdf
- González-Rey, F. L. (1997). *Epistemología cualitativa y subjetividad*. EDUC.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman editora.
- Hayes, A. F., & Coutts, J. J. (2020). Use omega rather than Cronbach's alpha for estimating reliability. But.... *Communication Methods and Measures*, 14(1), 1-24.
<https://doi.org/10.1080/19312458.2020.1718629>
- Housel, M. (2021). *A psicologia financeira*. Harper Collins.
- Jodelet, D. (1989). Représentations sociales: un domaine en expansion. In Jodelet, D. (Ed.), *Les représentations sociales* (pp. 31-61). PUF.

- Lumertz, I. C., & Castro, A. (2021). O valor social no atendimento psicológico clínico. *ID on line. Revista de Psicologia*, 15(57), 628-646.
<https://doi.org/10.14295/idonline.v15i57.2911>
- Luo, L., Arizmendi, C., & Gates, K. M. (2019). Exploratory factor analysis (EFA) programs in R. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 26(5), 819-826.
10.1080/10705511.2019.1615835
- Tudor, K. (1998). Value for money?: issues of fees in counselling and psychotherapy. *British Journal of Guidance & Counselling*, 26 (4), 477-493.
<https://doi.org/10.1080/03069889800760411>
- Lasky, E. (2000). Psychotherapists' ambivalence about fees: male-female differences. *Women & Therapy*, 22 (3). https://doi.org/10.1300/J015v22n03_02
- Leahy, R.L. (2008). *Superando a resistência em terapia cognitiva*. LMP Editora.
- Leme, M. A. V., Bussab, V. S., & Otta, E. (1989). A representação social da psicologia e do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1), 29-35.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98931989000100009>
- Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M. E., & Kiers, H. A. L. (2011). The Hull Method for Selecting the Number of Common Factors. *Multivariate Behavioral Research*, 46(2),340-364. <https://doi.org/10.1080/00273171.2011.564527>
- Magalhães, P. P., & Murta, S.G. (2003). Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: um estudo pré-experimental. *Temas em Psicologia*, 11(1), 28-37.
- Mantovani, M.A., & Sehnem, S.B (2018). Empreendedorismo em acadêmicos de Psicologia. *Pesquisa em Psicologia - Anais eletrônicos*, 77-94.
https://periodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/18852

- Malvezzi, S. (2010). A profissionalização dos psicólogos: uma história de promoção humana. In A. V. B. Bastos & S. M. G. Gondim (Eds.), *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 66-84). Artmed.
- Myers, D. G (2014). Introdução à psicologia social. In D.G. Myers (Ed.), *Psicologia social*. Artmed.
- Meirelles, V.M. (2012). *Atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres em relação ao dinheiro na vida adulta*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15216>
- Meirelles, V. M. (2017). *Lado a lado: prática clínica e sucesso financeiro*. Appris Editora.
- Mendonça, J. D. G. (2021). *As representações da psicoterapia e da saúde mental em profissionais de saúde*. Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário - ISPA, Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.12/8846>
- More, C. O. O., Leiva, A. C. & Tagliari, L. V. (2001). A representação social do psicólogo e de sua prática no espaço público-comunitário. *Padéia*, 11(20), 85-98.
<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2001000200010>
- Moscovici, S. (1981) *A representação social da psicanálise*. Zahar Editores.
- Murta, S.G. (2002). Favorecendo a convivência: o papel da escola no desenvolvimento de habilidades sociais. *Jornal de Psicopedagogia*, VIII, 38(4).
- Nunes, C. H. S. S., Hutz, C. S., & Nunes, M. F. O. (2010). *Manual Bateria Fatorial de Personalidade*. Casa do Psicólogo.
- Oliveira, A. L. M & Malgarim, B. G. (2013). Aprendizagem de cobrança de honorários durante o estágio em psicologia nas clínicas escola. *Psicologia.pt*.
<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0363.pdf>

- Parvin, R. & Anderson, G. (2000). What are we worth? Fee decisions of psychologists in private practice. *Women & Therapy*, 22(3), 15-25.
https://doi.org/10.1300/J015v22n03_03
- Peter, B., Böbel, E., Hagl, M., Richter, M., & Kazén, M. (2017). Personality styles of German-speaking psychotherapists differ from a norm, and male psychotherapists differ from their female colleagues. *Frontiers in Psychology*, 8, 840.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00840>
- Prochaska, J. O., & Norcross, J. C. (2018). *Systems of psychotherapy: a transtheoretical analysis*. Oxford University Press.
- Puente-Palacios, K., & Bastos, A. V. B (2022). Condições de trabalho: indicadores de precarização no exercício da psicologia. In Conselho Federal de Psicologia, *Quem faz a psicologia brasileira?: um olhar sobre o presente para construir o futuro* (Vol.2 , pp.117-136). CFP.
https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol2-1.pdf
- Rosemberg, F. (1983). Psicologia, profissão feminina. *Cadernos de Pesquisa*, (47), 32-37.
<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1477>
- Schultz, D. P. & Schultz, S. E. (2023). *História da psicologia moderna*. Cengage.
- Santos, M. R. (2016). *A crise e a fragmentação teórica da psicologia: uma visão do pensamento complexo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6302>
- Santos, N. M. & Antloga, C.S.X. (Orgs.) (2022). *Empreendedorismo feminino: Um olhar para o real*. CRV.
- Silva, A. A. (2003). A relação entre as operadoras de planos de saúde e os prestadores de serviços: um novo relacionamento estratégico. In Brasil. Ministério da Saúde.

Agência nacional de saúde. *Documentos técnicos de apoio ao fórum de saúde suplementar 2003*. Ministério da Saúde.

Silva, D. S. N. (2020). Psicoterapia: Quanto custa a sessão? *Psicologia Revista São Paulo*, 29(1), 61-82. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2020v29i1p61-82>

Silva, D. S., Veiga, H. M. & Cortez, P. A (2021). Motivações, desafios e dificuldades vivenciados por psicólogos empreendedores: estudo qualitativo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(2), 1-13. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003207747>

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Appris editora.

Apêndice

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "Processos de Precificação na Clínica Psicológica", que está sendo conduzida pela pesquisadora Jéssica Florinda Amorim, estudante de mestrado na Universidade de Brasília (UnB).

O objetivo principal desta pesquisa é compreender os procedimentos que influenciam a definição dos preços dos serviços de psicoterapia oferecidos por profissionais da psicologia. Com essa pesquisa, almejamos aprofundar nossa compreensão sobre os processos de precificação na área de psicoterapia e, com base nesse entendimento, propor possíveis alternativas para uma prática psicológica que seja reconhecida e adequadamente remunerada. Gostaríamos de saber da sua disponibilidade e interesse em colaborar com este estudo.

A sua participação é de grande importância para a pesquisa e contribuirá significativamente para o avanço do nosso entendimento sobre como os profissionais da psicologia precificam seus serviços na clínica. Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a pesquisa. Não solicitaremos o seu nome, e todos os dados fornecidos serão mantidos em sigilo, garantindo que sua identidade permaneça anônima ao longo de todo o processo. Os dados coletados neste questionário online serão mantidos em segurança sob a responsabilidade da pesquisadora. A coleta de dados será feita por meio de um questionário online, ao qual você está convidado(a) a participar. Sua participação pode implicar em riscos como cansaço, desconforto ao responder o questionário e preocupações com a confidencialidade. No entanto, tomamos medidas para minimizar esses riscos: se você se sentir cansado durante o questionário, pode optar por fazer uma pausa. Quanto à segurança, a plataforma de coleta de dados foi escolhida por sua política de segurança de informações, e apenas pesquisadores capacitados e éticos na área de Psicologia analisarão os dados.

Sua participação é voluntária e não envolve remuneração ou benefícios diretos. Você tem o direito de recusar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem penalidades. Embora algumas perguntas sejam marcadas como obrigatórias no formulário, você tem o direito de não responder a qualquer pergunta que não deseje. Devido ao anonimato, não será possível excluir seus dados após o envio das respostas. A pesquisa ocorre em um ambiente virtual, por isso é importante que você mantenha uma cópia do documento eletrônico.

Se você tiver alguma dúvida sobre a pesquisa, sinta-se à vontade para entrar em contato conosco pelo telefone (62) 99167-9090 ou pelo e-mail jflorinda@gmail.com. A equipe de pesquisa assegura que os resultados deste estudo serão compartilhados com os participantes por meio de publicações científicas que serão divulgadas posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi submetido à revisão e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. Para informações relacionadas à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou aos direitos dos participantes da pesquisa, entre em contato com o CEP/CHS por e-mail em cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107-1592.

Este documento foi criado online, e você indicará sua aceitação em participar clicando no botão abaixo. Você também receberá uma cópia deste documento por e-mail.

Survey

Nesta seção queremos saber sobre sua formação profissional.

1. Qual seu curso de graduação?
 - Psicologia
 - Pedagogia
 - Terapia Ocupacional
 - Serviço Social
 - Outro

2. Em que ano você concluiu seu curso de graduação em Psicologia? Se ainda não concluiu, responda "ainda não conclui".

3. Você fez sua graduação em:
 - Instituição pública
 - Instituição privada

4. Sobre formação complementar: qual o nível mais elevado de formação complementar? (Considere também aquilo que estiver cursando atualmente.)
 - Cursos livres de aperfeiçoamento
 - Residência multiprofissional
 - Especialização ou MBA
 - Mestrado
 - Doutorado
 - Pós-Doutorado
 - Ainda não tenho uma formação complementar

5. Qual(is) dos recursos abaixo você já recorreu ao longo da sua carreira para aprimorar o desempenho profissional?
 - Grupos de estudo
 - Psicoterapia
 - Supervisão (da sua prática)
 - Outro. Qual?

Nesta seção vamos abordar sua atuação profissional.

Queremos saber sobre sua experiência trabalhando com Psicoterapia e Psicologia.

6. Em que ano você começou a atuar profissionalmente como psicoterapeuta? Se ainda não começou, responda "ainda não comecei" (por favor não considere estágios profissionalizantes)
7. Se você ainda não começou a trabalhar como psicoterapeuta, assinale os motivos da sua não inserção nessa área:
- Ainda não tenho registro profissional
 - Percepção de desvalorização do trabalho do psicoterapeuta
 - Receio de baixa remuneração
 - Outros:
8. Você atua em outras áreas na Psicologia além da psicoterapia? Se sim, selecione abaixo a(s) área(s) de atuação:
- Avaliação Psicológica
 - Avaliação Neuropsicológica
 - Psicologia do Trânsito
 - Psicologia da Saúde
 - Psicologia Organizacional e do Trabalho
 - Psicologia Social/Comunitária
 - Psicologia Hospitalar
 - Psicologia Forense/Jurídica/Criminal
 - Docência e Ensino de Psicologia
 - Neuropsicologia
 - Psicologia Escolar/Educacional
 - Outra área. Qual?
9. Ainda sobre sua atuação profissional:
- Atuo exclusivamente como psicoterapeuta
 - Atuo exclusivamente com atividades profissionais fora da Psicologia
 - Atualmente exerço atividades profissionais como psicoterapeuta e em outro campo fora da Psicologia
 - Atuo exclusivamente com atividades profissionais dentro da Psicologia

Nessa seção queremos saber sobre sua atuação como Psicoterapeuta

10. Sua situação no Conselho Regional de Psicologia (CRP) de onde mora é:
- Inscrito e com cadastro ativo
 - Inscrito mas com cadastro inativo
 - Nunca me inscrevi no CRP

11. Dentre as diversas abordagens teórico-metodológicas existentes no campo da Psicologia, qual melhor fundamenta o seu trabalho na clínica? Sabemos que a prática da psicoterapia pode ser composta por mais de uma base teórica, mas escolha apenas uma que descreva melhor a sua atuação.

- Análise do Comportamento
- Terapia Cognitivo Comportamental
- Psicanálise
- Gestalt
- Psicodrama
- Fenomenologia
- Outra. Qual?

12. Qual modalidade de Psicoterapia você oferece?

- Presencial
- Online

13. Se você respondeu que realiza atendimento nas duas modalidades online e presencial, responda: Você adota valores diferentes para cada modalidade?

- Sim, cobro mais barato no atendimento online
- Sim, cobro mais barato no atendimento presencial
- Não, cobro os mesmos valores nas duas modalidades

14. O seu consultório é: (considere sua atividade principal)

- Próprio e apenas eu utilizo
- Próprio e subloco para outros colegas os horários que não utilizo
- Presto serviços em uma clínica e recebo porcentagem
- Presto serviços em uma clínica e recebo salário
- Atendo apenas online e possuo um espaço de atendimento em casa
- Não tenho consultório próprio e subloco de outros colegas

15. Qual sua carga horária semanal de atendimentos? (considere a quantidade de horas que está em atendimento, independente da modalidade de psicoterapia como por exemplo em atendimentos de grupo, considere as horas de atendimento e não a quantidade de pessoas atendidas)

16. Qual valor médio da sua sessão de psicoterapia particular?

17. Você atende por plano de saúde?

- Sim
- Não

18. Se você atende por plano de saúde, como é realizado o pagamento?

- Sou credenciado ao plano e recebo diretamente dele
- A clínica que trabalho é credenciada, recebe e realiza o repasse dos valores

19. Qual valor em média você recebe por cada atendimento realizado por plano de saúde?

20. Quais métodos de recebimento dos honorários utiliza?

- Dinheiro
- Pix/transfêrência bancária (DOC/TED)
- Cartão de crédito
- Cartão de débito
- Débito em conta
- Carteiras Digitais (Picpay, Mercado Pago, Ame Digital, etc)
- Cheque

21. Como você estabelece as regras relativas a horário, faltas, honorários e outros aspectos burocráticos da prática clínica?

- Uso contrato
- Comunico verbalmente como funciona
- Não possuo regras claras quanto às questões burocráticas

22. Você realiza sessões a preços abaixo do seu valor médio de cobrança?

- Sim
- Não

23. Se você respondeu sim ao item anterior, assinale quais critérios adota para ofertar sessões com valores sociais:

- Procuro avaliar a condição socioeconômica do cliente/paciente
- Ofereço para um público específico (comunidades religiosas, escolas, ONGs, etc)
- Não possuo critérios para isso

24. Com que frequência você utiliza os critérios abaixo para definir o preço da sua sessão de psicoterapia? Se você está respondendo pelo celular, utilize o celular na horizontal para poder ter acesso às opções de maneira adequada.

	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito Frequentemente
A média de valor que é cobrado pelos meus colegas de profissão					

Negocio com os clientes/pacientes, levando em consideração quanto podem pagar					
Meu tempo de formação, experiência e formações realizadas					
Custos com aluguel, manutenção, etc					
Horário de preferência para o atendimento					
Complexidade do caso					
Indicação de outros colegas					

25. Com que frequência você adota as estratégias de cobrança abaixo. Se você está respondendo pelo celular, utilize o celular na horizontal para poder ter acesso às opções de maneira adequada.

	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito Frequentemente
Recebo de maneira antecipada					
Em caso de atraso, faço cobranças					
Deixo o cliente/paciente a vontade para realizar o pagamento quando puder					
Interrompo os atendimentos até que o pagamento seja regularizado					
Tenho alguém que realiza as cobranças (estagiário, secretária, etc)					
Sistema de cobrança automática					

26. Como você lida com faltas e reagendamentos?

- Faltas e reagendamentos são cobrados se não comunicados com antecedência
- Não cobro por faltas e reagendamentos

Nessa seção queremos saber sobre suas crenças em relação à prática clínica.

Não há respostas certas ou erradas. Dê respostas que reflitam o cenário atual da sua prática, evite dar suas respostas considerando aquilo que você acredita ser o desejável.

Para cada item abaixo, você possui a opção de marcar de 1 a 10.

Se você acha que a frase não o descreve adequadamente, marque 1.

Se você acha que a frase o descreve muito bem, marque 10.

Se você considerar que a frase o descreve mais ou menos, marque 5.

Considere que quanto mais você acha que a frase é apropriada para descrevê-lo, maior deve ser o valor a ser marcado na escala (respostas 8,9 e 10).

Quanto menos você identificar-se com a descrição feita, menor será o valor a ser registrado na escala (respostas 1,2 e 3).

Note que todos os valores da escala podem ser marcados.

Se você está respondendo pelo celular, utilize o celular na horizontal para poder ter acesso às opções de maneira adequada.

27. Para mim como psicoterapeuta é mais importante ajudar as pessoas do que ganhar dinheiro.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

28. Mesmo sabendo que essa é minha fonte de renda, me sinto culpada (o) de cobrar meu cliente/paciente.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

29. Me sinto impelida (o) a sempre negociar os valores da minha sessão com os clientes.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

30. Tenho que atender o cliente/paciente mesmo que ele não possa pagar pelos meus honorários.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

31. Com frequência me sinto insegura (o) para informar o valor que cobro na sessão de psicoterapia.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

32. Eu acredito que é imoral cobrar para ajudar pessoas que estão em sofrimento.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

33. Acredito que falar sobre honorários influencia negativamente no processo terapêutico.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

34. Acredito que a prática clínica na Psicologia deve ser bem remunerada.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

35. Não sei como abordar meu cliente para cobrar quando ele está devendo.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

36. Sempre reduzo o valor quando o cliente/paciente solicita desconto.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

37. Acredito que a Psicologia clínica deve ser encarada como um negócio, uma empresa.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Dados Sociodemográficos

38. Onde você mora?

- Acre (AC)
- Alagoas (AL)
- Amapá (AP)
- Amazonas (AM)
- Bahia (BA)
- Ceará (CE)

- Espírito Santo (ES)
- Goiás (GO)
- Maranhão (MA)
- Mato Grosso (MT)
- Mato Grosso do Sul (MS)
- Minas Gerais (MG)
- Pará (PA)
- Paraíba (PB)
- Paraná (PR)
- Pernambuco (PE)
- Piauí (PI)
- Rio de Janeiro (RJ)
- Rio Grande do Norte (RN)
- Rio Grande do Sul (RS)
- Rondônia (RO)
- Roraima (RR)
- Santa Catarina (SC)
- São Paulo (SP)
- Sergipe (SE)
- Tocantins (TO)
- Distrito Federal (DF)

39. Qual o seu sexo?

- Feminino
- Masculino

40. Quantos anos você tem?

Agradecemos sua participação!

Caso tenha interesse em saber os resultados desta pesquisa ou tenha qualquer dúvida, faça contato por meio do e-mail: jflorinda@gmail.com